

Da Poetização do Verso Traduzido: Entre a Tradução do Poema de Ondjaki «Para Vivenciar Nadas» e a Eclosão de Sonhos

Fernanda Cardoso

Mestranda em Espaço Lusófono:
Lusofonia e Relações Internacionais

Ao **Ondjaki**, semeador de sonhos

A **Ana Cristina Tavares**, minha orientadora

Resumo: No âmbito da tradução literária, a tradução de poesia, delicada e intimista, revela uma profunda complexidade. Ao poetizar o poema traduzido, a tradutora vai polindo o verso e cinzela a imagem, colhendo poeticidade dos sonhos (semeados pelo poeta). Serão, assim, focalizados alguns processos de criatividade tradutiva em poesia.

Résumé: Dans le domaine de la traduction littéraire, la traduction poétique, délicate et intimiste, révèle une profonde complexité. Pour poétiser le poème traduit, la traductrice travaille le vers et modèle l'image, en cueillant la poéticité des rêves (semés par le poète). On focalisera, ainsi, certains processus de créativité traductive en poésie.

Palavras-chave: Tradução, Poesia, Poeticidade, Roteiro de Interpretação e de Dificuldades, Poetização.

A Tradução de Poesia

Ondjaki nasceu em Luanda, em 1977, e a sua escrita (a do poeta e a do escritor) tem ocupado muito do meu tempo académico. A linguagem estética ondjakiana tem despertado, em mim, algo que se poderia designar por energia criativa. Tal linguagem, nómada e irreverente, me atrai efectiva e afectivamente para um misterioso enleio com a «palavra» africana (recôndita, por vezes) e com a universal também. A empatia foi fluindo de uma viagem livresca para a outra e, todas as viagens confundidas, me enlevaram da fruição textual à identificação e da identificação à tradução.

A tradução literária possibilita, a seu modo, a apreensão de peculiares vivências numa escrita que se elege e se ama. José Manuel Lopes, em entrevista concedida a Ana Cristina Tavares, ao definir a actividade de tradução literária, enquanto forma de arte, fá-lo nestes termos:

« (...), a tradução literária não é algo que se possa ensinar como um ofício, mas é antes uma «arte», um gosto, talvez até uma mania, que se adquire (ou não) dada uma certa possibilidade de experimentação, pela qual o tradutor se poderá tornar quase tão criativo quanto o autor...(...)».¹

A par a vocação artística e o pendor criativo, é forçoso que, nessa experimentação, o tradutor de poesia se dedique a um árduo e persistente trabalho. Bebendo da essência do poético, capta sentidos, escolhe palavras e burila imagens num jogo de inteligência e de paciência. Por essa razão, José Manuel Lopes avalia a tradução de poesia como sendo «a mais complexa de todas as traduções literárias».²

O texto poético possui os seus segredos que não se deslindam numa primeira abordagem. A primeira leitura é aprazível e aguça a imaginação, mas são as (re)leituras que vão levantando o véu, amiúde, sobre o modo como o texto poético gera os seus sentidos. Este é transmutável conforme os leitores e as épocas em que é lido. Além disso, cada poema dispõe de uma gramática específica, naturalmente transgressora, em relação a regras normativas de funcionamento gramatical formalmente instituído. Os silêncios, as omissões e as pausas, a pontuação inusitada, as inversões, as repetições, as redundâncias e a

¹ José Manuel Lopes, «Entrevista realizada em Fevereiro de 2006, com o tradutor literário, professor universitário e escritor José Manuel Lopes, por Ana Cristina Tavares, professora de Tradução na Universidade Lusófona», in *BABILÓNIA Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução – Mestiçagem Linguística e Cultural*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, n.º 4, 2006, p.258.

² Ibidem, p.259.

opacidade são elementos caracterizadores da linguagem poética. A liberdade de criação e os desvios às regras são nela experimentados em maior grau do que em qualquer outro género literário. O tradutor trabalha a forma e o conteúdo. A forma, enquanto estrutura arquitectónica do poema, é reveladora de inúmeros indícios de poeticidade. O conteúdo desvenda temas e símbolos e lavra sentidos. Ao trabalhar com os diversos níveis estruturantes da forma e do conteúdo (o prosódico, o rítmico, o simbólico, o lexical e o sintáctico), o tradutor de poesia deve possuir conhecimentos e competências, tanto no que concerne ao domínio das gramáticas normativas das línguas de partida e de chegada, como à sensibilidade para apreender as potencialidades criadoras e criativas de ambas as línguas. O conhecimento da norma induz à consciência linguística, porém, é a percepção e a compreensão dos desvios da linguagem poética (logo, da gramática da fantasia) que permitem desvelar a poeticidade do texto.

Ao traduzir um poema, o tradutor indaga, no decorrer do processo tradutivo, os caminhos que desvendam a essência do poético, tentando domar a bravia intraduzibilidade e transformando-a num desafio. Obsessivamente, se questionará: como escolher, de entre os trilhos da peculiar poeticidade do texto original (interpretação, apreensão de sentidos e avaliação crítica), aqueles que permitem lograr a poetização do verso traduzido? Por outras palavras: como transformar um poema original num poema traduzido?

Na tradução de poesia, o processo de poetização do texto de chegada coloca-nos perante enigmas esfíngicos e opções labirínticas infinitas. Para um melhor entendimento desse processo, devemos saber distinguir a noção de «poeticidade» da noção de «poetização». A noção de poeticidade integra o texto poético original e o ideolecto do criador (poeta) e a noção de poetização integra o texto poético traduzido e as opções do *re*-criador (tradutor). Sublinhe-se que, tanto quanto o poeta, o tradutor inserido num tempo, numa época e com um determinado perfil, possui o seu estilo. Cada tradutor é um tradutor. A essência da poeticidade centra-se no âmago do tecido poético original e o processo de poetização centrar-se-á na demanda de recriação poética que decorre da transferência criativa, linguística e cultural, para a língua de chegada.

Durante o processo tradutivo, um texto poético ficará sujeito a filtros múltiplos de poetização, verso a verso, imagem a imagem, estando progressivamente apto a despoletar a eclosão de sonhos. Só assim será poema. Pode até ser «outro» poema, assinado, afinal, por um tradutor (um *co*-autor). No entanto, a incessante demanda de poetização (gerada pela intrínseca

poeticidade do texto original) fará com que o tradutor, não se vergando a uma fidelidade servil perante o poeta, respeite o criador e a sua criação.

O Poeta Semeando Sonhos

Até ao momento, Ondjaki (poeta) presenteou-nos com duas colectâneas de poesia: *Actu Sanguíneu* (com que se estreou, revelando uma impressionante maturidade), publicada em Luanda, em 2000, pela Editora Chá de Caxinde. Este seu primeiro trabalho recebeu a Menção Honrosa do Prémio António Jacinto. A segunda colectânea, *Há Prendisajens com o Xão O Segredo Húmido da Lesma & Outras Descoisas*, foi publicada em Lisboa, em 2002, pela Editorial Caminho.

A poesia ondjakiana sonda a imersão no subconsciente humano e reflecte sobre o universo da cosmogonia, povoado por uma multitude de elementos, sentires e seres. O canto do poeta, feito escrita, celebra o espaço telúrico e as memórias da infância e converte-se num verdadeiro acto de amor, selado por um pacto de sangue com o Xão (o chão africano e o planeta Terra), os seus elementos e os seus seres. No trabalho da linguagem, o poeta concebe inusitadas imagens e palavras ou envolve, outras vezes, as habituais palavras numa nova roupagem. A «palavra» africana, quando não é explícita, está, frequentemente, oculta ou subentendida em muitos dos seus poemas. Sem alterar o léxico, contudo modelando o pensamento de um modo sintacticamente diverso, o poeta faz fremir a palavra africana. A palavra do homem universal também. Ao comentar a originalidade da segunda colectânea de poesia de Ondjaki, Pires Laranjeira afirma:

«(...). Pode-se achar que ele leva ao extremo um espécie de imitação da ingenuidade de predicadores pouco alfabetizados, mas, por outro lado, carrega-os com toda a criatividade linguística da língua, do discurso e sobretudo da conceptualização (o mundo visto como solenemente ecológico e composto igualitariamente sem distinções entre seres vivos e inanimados), que vai buscar a Mia Couto, Guimarães Rosa e Manoel de Barros. (...)».³

Iremos apresentar, de seguida, um dos seus belos poemas, tacteando sentidos, traduzindo e poetizando do português (Angola), língua de partida, para o francês, língua de chegada. O poema em foco «Para Vivenciar Nadas» foi extraído da colectânea *Há Prendisajens com o Xão O Segredo Húmido da*

³ Pires Laranjeira, «Ondjaki e Dáskalos Aprendizagem das Delícias», in *JL- Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, Ano XXIII, nº 869, 21 de Jan. – 3 de Fev., 2004, p.20.

Lesma & Outras Descoisas. Há aprendizagens que, através de laços, nos prendem ao nosso chão. Podemos descobrir o segredo húmido da lesma, da borboleta e de outras coisas, que, por mais pequenas que nos pareçam (descoisas), integram um todo harmonioso.

Leia-se o poema:

Para Vivenciar Nadas

para e com chiara, bea, valérie

borboleta é um ser irrequieto⁴.
para vestes usa pólen.
tem um cheiro colorido
e babas de amizade.
descola por ventos
e facilmente aterriza em sonhos.
borboleta tem correspondência directa
com a palavra alma.
para existir usa liberdades.
desconhece o som da tristeza
embora saiba afogá-la.
usa com afinidades
o palco da natureza.
nega maquilhagens isentas
de materiais cósmicos. como digo:
pó-de-lua, lápis solar
castanho-raíz, cinzento-nuvem.
borboleta dispõe de intimidades
com arco-íris
a ponto de cócegas mútuas.
para beijar amigos e vidas ela usa olhos.
borboleta é um ser
de misteriosos nadas.

Ondjaki, ***Há Prendisajens com o Xão O Segredo Húmido da Lesma & Outras Descoisas***, pp. 38/39.⁵

⁴ A numeração dos versos é nossa.

⁵ Ondjaki, *Há Prendizajens com o Xão O Segredo Húmido da Lesma & Outras Descoisas*, Lisboa, Editorial Caminho, 2002.

A Tradutora Colhendo Sonhos

Este poema, de matiz existencial, coloca o sujeito poético e o leitor perante a observação de pequenos nada, vivências de uma borboleta, que, prodigiosamente, insuflam energia. A essência do «ser» e do «estar» da borboleta sempre maravilhou os seres humanos. Quem nunca terá observado uma borboleta? Símbolo de sonho e de imaginação, a borboleta convida à interiorização de sentires. Convida ao amor cósmico pela contemplação do seu voo que liberta energia e incita ao renascimento.⁶

A primeira leitura do poema foi de puro prazer. As seguintes, quase infundáveis, foram interpretativas e críticas. Para alcançar a versão final, aqui proposta, em francês, foram colocadas múltiplas hipóteses e realizadas diversas revisões e alterações. A leitura em voz alta (em busca do tom, do ritmo do poema e da expressão de imagens) revelar-se-ia, algumas vezes, decisiva, relativamente a determinadas dúvidas, hesitações e opções finais.

O poema é composto por vinte e três versos livres e brancos (com rimas ocasionais, por vezes internas). O seu tom é intimista, pela minúcia da observação (ingénua ou intelectualizada?) de um sujeito poético que, contemplando este delicado ser, regista vivências que encobrem mistérios, ou melhor, «misteriosos nada» numa insustentável leveza de ser. Mistérios esses que o sujeito poético procura decifrar, ao existencializar a borboleta. Esta última estabelece elos com a «alma» e expressa «amizade», afasta a «tristeza», «usa com afinidades o palco da natureza», experimentando «cócegas» e beijando «amigos». É vaidosa também.

O ritmo do poema é ditado pelo bater de asas da borboleta «por ventos» e pela sua dança e roçar à flor de ar. O bater das minúsculas asas remete para a energia dos primórdios: oculta, mas poderosa. A cadência é breve e graciosa, quase incessante, entre «liberdades» e «misteriosos nada». Este ser «facilmente aterrisa em sonhos» e é nos sonhos que tece os seus domínios.

Observar uma borboleta equivale a «vivenciar» um momento de plenitude, ora imaginando o aconchego de tentadoras «intimidades», ora avistando as cores do universo cósmico: «pó-de-lua», «lápis solar», «castanho-raiz», «cinzento-nuvem». Entre os astros, a terra e o céu, a borboleta celebra sentidos e sentires numa genuína alegria de viver, sinestesticamente. É dotada (ou possui a faculdade correspondente a) de olfacto, paladar, audição, tacto e visão. Atente-se no quadro:

⁶ Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Editions Robert Laffont/Jupiter, 1982, p. 729.

Da poetização do Verso Traduzido

Sentidos	Celebração Sinestésica de Sentidos e de Sentires
<i>Olfacto</i>	tem um cheiro colorido (v. 4)
<i>Paladar</i>	e babas de amizade. (v. 5)
<i>Audição</i>	desconhece o som da tristeza embora saiba afogá-la. (vv. 10/11)
<i>Tacto</i>	borboleta dispõe de intimidades com arco-íris a ponto de cócegas mútuas. (vv. 18/19/20)
<i>Visão</i>	para beijar amigos e vidas ela usa olhos. (v. 21)

A Tradução do Poema em Francês

Pour Vivre exister de Riens

pour et avec chiara, bea, valérie

papillon est un être inquiet.
habillé de pollens.
il a une odeur colorée
et des baves d'amitié.
il s'envole entre vents
et se pose aisément au coeur des rêves.
papillon a une correspondance directe
au vague à l'âme.
pour exister il prend des libertés.
il méconnaît le son de la tristesse
bien que sachant l'étouffer.

il se sert avec affinités
de l'estrade de la nature.
renie le maquillage exempt
de matières cosmiques. comme je dis:
poudre-de-lune, crayon solaire
marron-racine, gris-nuage.
papillon partage des intimités
avec l'arc-en-ciel
l'un chatouillant l'autre.
pour effleurer amis et vies voilà ses yeux.
papillon est un être
de petits riens mystérieux.

Fernanda Cardoso, **Tradução para o Francês** (2006)

A Tradutora Poetizando Sonhos

A pontuação escolhida pelo poeta e a sua opção de iniciar os versos com letras minúsculas foram respeitadas integralmente. Terá sido, no entanto, difícil manter os sujeitos nulos (próprios de uma língua como a portuguesa) que, em francês, somente são possíveis em orações coordenadas (vejam-se os versos 5 e 6: «il s'envole entre vents / et se pose aisément au coeur des rêves»). Manteve-se, igualmente, o espaço vazio do artigo que poderia preceder o substantivo «borboleta» (veja-se o verso 1: «borboleta é um ser irrequieto»). A palavra africana atravessa não só este verso, mas também outros como o verso 2: «para vestes usa pólen», ou os versos 7 e 8: «borboleta tem correspondência directa / com a palavra alma», o verso 15: «de materiais cósmicos. como digo:», o verso 17: «castanho-raíz», «cinzento-nuvem» ou os versos 18, 19 e 20: «borboleta dispõe de intimidades / com arco-iris / a ponto de cócegas mútuas».

Após uma leitura global (silenciosa e em voz alta) do poema, o primeiro obstáculo surgido (contudo insolúvel) foi o facto do gracioso insecto ser do género feminino em português, porém do género masculino em francês. Lendo os versos 14 a 17, ficamos perante um ente masculino que usa delicadas e oníricas maquilhagens. Imagem, de todo, possível de imaginar, não sendo «realmente» um problema, atendendo ao carácter transformista e andrógino da borboleta. O

efeito pretendido, na língua de partida, não será, apesar de tudo, tão marcado quanto na língua de chegada. O efeito de feminilidade, produzido em português, esbate-se vagamente em francês.

No primeiro verso, a opção pelo adjetivo «inquiet», pareceu-nos a mais adequada ao tom do poema, se bem que o adjetivo «irrequieto» supõe uma maior mobilidade física e o adjetivo «inquiet» indicia uma maior mobilidade anímica. O que, em última instância, se adequa à mensagem poética.

O segundo verso fez surgir a dificuldade de não se poder respeitar a estrutura usada pelo poeta: «para vestes usa pólen». Este verso, que inicia o processo de antropomorfização da borboleta, dissiparia toda e qualquer poetização se fosse traduzido em francês deste modo: «pour vêtements il porte du pollen». Não se colocou a hipótese de fidelidade, optando-se pela simplicidade sugestiva do verso em francês: «habillé de pollens». A eclosão poética, algo perdida, será recuperada mais adiante no verso 6: «et se pose aisément au coeur des rêves».

Os versos 5 e 6 revelam-se bastante complexos, quanto à sua traduzibilidade, sofrendo, assim, sucessivas alterações no processo de poetização. No verso 5, os verbos «descolar» e «aterrizar», bem como o advérbio «facilmente», vertidos para o francês: «décoler», «attérrir/attérrer» e «facilement» banalizariam a imagem sugerida, anulando a sensação de leveza transmitida, e bem, em português. Os conceitos de «invisibilidade» e de «fidelidade» em tradução foram, nestes versos, comutados pelos de «visibilidade» e «recriação». Optou-se pelos verbos «s’envoler», «se poser» e pelo advérbio «aisément», tendo plena consciência do facto de outro tradutor poder tomar outras decisões. Uma dificuldade acrescida, nestes versos, foi a tradução do complemento circunstancial de lugar «em sonhos». De natureza marcadamente metafórica, este complemento jamais poderia ser traduzido por: «dans les rêves» ou «au milieu des rêves». Ainda se chegou a pensar na expressão «auprès des rêves», contudo a preposição «auprès» significa ao lado de, junto de, cerca de, e não «em». Não estaríamos a ser precisos. Afiguraram-se viáveis duas hipóteses: «au creux des rêves» ou «au coeur des rêves». Optou-se pela segunda. O verso 6: «et se pose aisément au coeur des rêves» respeita o tom, o ritmo e a imagem e recupera alguma da poeticidade perdida em versos anteriores.

Os versos 7 e 8 «borboleta tem correspondência directa / com a palavra alma» possuem uma enganosa aparência de simplicidade e ingenuidade. Com uma significação subtil, estes versos são de complexa tradução e poetização.

Optando-se por: «papillon a une correspondance directe/ avec le mot âme», tal hipótese revelar-se-ia pouco viável, essencialmente pela cacofonia produzida no verso: «avec le mot âme». Após várias tentativas de transferência e de aperfeiçoamento, pareceu-nos que os versos em francês: «papillon a une correspondance directe / au vague à l'âme.» se adequariam à mensagem poética. A borboleta consubstancia a nostalgia da alma humana (o «vague à l'âme») em momentos oníricos e introspectivos.

No verso 10, o verbo «meconnaître» não revela ser um sinónimo (quase) perfeito do verbo português «desconhecer», dado que «meconnaître» sugere a ideia de «mal connaître», ou seja, conhecer insuficientemente e não, como é o caso, «desconhecer» (não conhecer de todo). «Meconnaître» foi, apesar de tudo, o verbo pelo qual se optou em francês.

Atente-se, agora, nos versos 11 e 12. No verso 11, usou-se uma forma verbal no gerúndio, em francês, pois ao respeitar-se a construção lexical e sintáctica do verso, obter-se-ia: «(quoiqu' / malgré qu' /) bien qu'il sache la noyer». O verso ficaria despojado de elegância, assimilando a formalidade do uso do conjuntivo em francês. A opção pelo verbo «étouffer», ou seja «abafar», respeita o sentido que se pretende veicular: este ser etéreo tem o poder de apagar ou abafar a tristeza: «il méconnaît le son de la tristesse / bien que sachant l'étouffer.».

Quanto ao verbo «usar» no verso 12 («usa com afinidades») foi traduzido do seguinte modo: «il se sert avec affinités». Repare-se, a esse propósito, que o poeta, ao longo do poema, escreveu quatro vezes o verbo «usar». Verbo esse que, conforme o contexto, foi traduzido de quatro modos diferentes: «habillé» (verso 2), «prend» (verso 9), «se sert» (verso 12), sendo substituído, no verso 21, pelo advérbio «voilà»: «pour effleurer amis et vies voilà ses yeux».

No início do verso 14, optou-se por não colocar o pronome pessoal «il», sujeito do verbo «renie», escolhendo ainda o singular do substantivo «maquillage» em vez do plural grafado no verso de partida. O verso 20 sugere um momento mágico de brincadeiras íntimas partilhadas entre a borboleta e o arco-íris («a ponto de cócegas mútuas»). Neste verso, o uso do gerúndio revelou-se, de novo, fundamental. Colocadas diversas hipóteses, a escolha final foi a de subverter o verso, respeitando a poeticidade da imagem: «l'un chatouillant l'autre». Em boa verdade, a magia e a palavra africanas vão ficando mais ténues, porém os versos 16 e 17, que respeitam a hifenização, compensam de certa forma essa perda: «poudre-de-lune / crayon solaire / marron-racine, gris-nuage.».

No verso 21, o verbo «beijar» jamais poderia ser traduzido por «baiser» que, sendo o seu correspondente natural em francês, é habitualmente usado (em linguagem popular/calão por quase todos os franceses) com um sentido de explícita conotação sexual. O verbo «embrasser» seria demasiado denso. Assim sendo, escolhemos «effleurer», que sugere a ideia de «aflorar». Os beijos leves, à flor de ar, são os que ficam bem a uma borboleta que voa de flor em flor: «pour effleurer amis et vies voilà ses yeux».

Para uma melhor fluidez e adequação ao ritmo, em francês, o último verso do poema ganhou ao ser grafado por: «de (petits) riens mystérieux». Diga-se, por último, que o título do poema «Para Vivenciar Nadas» nos colocou perante a não existência, em português e em francês, do verbo «vivenciar», o que nos levou à criação da palavra «vivrexister», acrónimo do verbo «vivre» e do verbo «exister».

A Eclosão de Sonhos: Do Poema Original ao Poema Traduzido

Para Vivenciar Nadas

borboleta é um ser irrequieto.
para vestes usa pólen.
tem um cheiro colorido
e babas de amizade.
descola por ventos
e facilmente aterriza em sonhos.
borboleta tem
correspondência directa
com a palavra alma.
para existir usa liberdades.
desconhece o som da
tristeza
embora saiba afogá-la.
usa com afinidades
o palco da natureza.
nega maquilhagens
isentas
de materiais cósmicos.

Pour Vivrexister de Riens

papillon est un être inquiet.
habillé de pollens.
il a une odeur coloréet
des baves d'amitié.
il s'envole entre vents
et se pose aisément au coeur des rêves.
papillon a
correspondance directe
au vague à l'âme.
pour exister il prend des libertés.
il méconnaît le son de la
tristesse
bien que sachant l'étouffer.
il se sert avec affinités
de l'estrade de la nature.
renie le maquillage
exemptde
matières cosmiques.

como digo:
pó-de-lua, lápis solar
castanho-raíz, cinzento-nuvem.
borboleta dispõe de
intimidades
com arco-íris
a ponto de cócegas mútuas.
para beijar amigos e
vidas ela usa olhos.
borboleta é um ser
de misteriosos nada.

comme je dis :
poudre-de-lune, crayon solaire
marron-racine, gris-nuage.
papillon partage des
intimités avec
l'arc-en-ciel
l'un chatouillant l'autre.
pour effleurer amis et
vies voilà ses yeux.
papillon est un être
de petits riens mystérieux.

Ondjaki
Há Prendisajens com o Xão (2002)

Fernanda Cardoso
Tradução para o Francês (2006)

BIBLIOGRAFIA

- BABILÓNIA *Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução – Mestiçagem Linguística e Cultural*, «Entrevista realizada em Fevereiro de 2006, com o tradutor literário, professor universitário e escritor José Manuel Lopes, por Ana Cristina Tavares, professora de Tradução na Universidade Lusófona», Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, nº 4, 2006, pp. 253-263.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain, *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Editons Robert Laffont/Jupiter, 1982.
- LARANJEIRA, Pires, «Ondjaki e Dáskalos Aprendizagem das Delícias», in *JL – Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, Ano XXIII, nº 869, 21 de Jan. – 3 de Fev., 2004.
- ONDJAKI, *Há Prendisajens com o Xão O Segredo Húmido da Lesma & Outras Descoisas*, Lisboa, Editorial Caminho, 2002.